

STAR TREK VENTURE

www.ussventure.eng.br



USS Venture, contos:
a tripulação



STAR TREK

USS VENTURE NCC 71854 CONTOS: A TRIPULAÇÃO

Autores:

**Capitão MDaniel
Comandante Paul Emiron
Tenente Rnunes
Dr. Edward Summers
Tenente Thot**

Revisão:

Capitão MDaniel

400-28730

7329



34192

Star Trek® e todas as séries derivadas, assim como os personagens e material produzido, são marcas registradas da Paramount Pictures, uma divisão da Viacom, com todos os seus direitos reservados.

Este livro aqui apresentado está sendo disponibilizado livremente ao público, e tem por finalidade apenas divulgar a série e compartilhar todo o conhecimento com as gerações futuras, sem fins lucrativos.

O ESPAÇO...
A FRONTEIRA FINAL!

VOCÊ ESTÁ A BORDO DA NAVE ESTELAR
USS VENTURE NCC 71854 - CLASSE GALAXY
FEDERAÇÃO UNIDA DOS PLANETAS

...em sua continua missão de exploração em
busca de novos mundos, novas vidas e civilizações,
continuando a jornada de ir aonde
nenhum homem já esteve !!!

400-28730

7329



34192

Autores: Vários
USS Venture Contos: A Tripulação, Rio de Janeiro, Brasil – 2004
Edição Comemorativa dos dois anos da USS Venture
www.ussventure.eng.br – ussventure@uol.com.br
1. Ficção Científica norte-americana 2. Ficção Século XX 3. Ficção Star Trek

Este livro reúne Contos de Ficção Científica, baseados no Universo de Jornada nas Estrelas (Star Trek®) criado por Gene Roddenberry. Os Contos foram elaborados por membros tripulação da USS Venture – NCC 71854 em comemoração aos dois primeiros anos de fundação desse grupo de aficionados por Star Trek.

ÍNDICE DOS CONTOS

Lar! não tão doce lar!	4
Autor: Capitão Mdaniel (ma.daniel@uol.com.br)	
Passado Maqui	10
Autor: Comandante Paul Emiron (paul.emiron@uol.com.br)	
Voyager	13
Autor: Tenente Rnunes (tenente-rnunes@showderacas.com.br)	
Negociando com o Inimigo	19
Autor: Dr. Edward Summers (danielqfm@yahoo.com.br)	
Conto de Paz na Guerra	34
Autor: Tenente Thot Sopek (thot@uai.com.br)	

400-28730

7329



34192

Lar! não tão doce lar!

Por Capitão MDaniel

Tinha sido um dia cansativo na USS Farragut e eu estava voltando para meu novo alojamento na Doca Espacial distraidamente pensando em como consertar a bomba de fluxo de plasma sem ter que substituí-la, pois a velha nave precisava ser descomissionada, depois de sua brilhante performance na guerra contra o Dominion. Neste instante um grupo de cadetes da Academia passa por mim, continuei em direção ao meu alojamento quando escutei:

- Ei!!! Tenente MDaniel, você não me conhece mais?

Virei-me e percebi aquela linda mulher, confesso que alguns hormônios começaram a pipocar, quando a reconheci a Dra. Arilene Lau, mais bonita do que nunca, mas procurei me conter, ela parecia estar conduzindo os cadetes por uma visita as Docas.

- Humm, parece que tivemos uma promoção por aqui!! Agora Comandante Mdaniel?
- Sim um primeiro oficial sem nave. A USS Farragut será descomissionada daqui a três dias. O que está fazendo aqui na Terra?
- Agora sou Instrutora de Ciências da Academia da Frota Estelar e estava conduzindo minha turma ao Laboratório de Propulsão da Doca Estelar.
- Estava pensando se não gostaria de jantar comigo amanhã? Detesto comer sozinho!!!
- Será um prazer, te encontro às 20:00hs no restaurante da Doca, está bom?

Estava começando a achar que, afinal de contas, o dia não tinha sido tão ruim assim, apesar do Capitão Kustimov ter deixado tudo em minhas mãos. A tarefa de descomissionar uma nave não é muito agradável e o meu destino parecia meio incerto, não por parte da Frota Estelar que certamente iria providenciar um novo posto, mas com relação a sua vida pessoal.

Do jantar para um pedido de reatar o relacionamento amoroso iniciado a anos atrás na Base Estelar 234 foi até rápido, agora manter um bom relacionamento amoroso com dois empregos tão diferentes, era uma verdadeira façanha: Eu fui designado para o Quartel Geral da Frota e constantemente fazia parte de pequenas missões próximas em diversas naves, por sua vez ela estava sempre envolvida em pesquisas científicas e com suas aulas na Academia da Frota com sede em São Francisco.

Ao final de oito meses, apesar de todos os desencontros, estávamos muito unidos e apaixonados. Ela decidiu que deveríamos visitar seus pais no seu planeta natal afinal queria apresentar-me a eles. Nós dois conseguimos licenças de duas semanas e partimos para Alfa-Centauri em 2375 (Data Estelar 52837.0). Chagamos a Alfa-Centauri em meio a uma crise política interna do governo Alfa-Centauriano. Sua sociedade era dividida em castas por atividade econômica desenvolvida e existia um movimento legítimo que reivindicava a unificação da sociedade e equiparação de deveres e obrigações entre a população.

400-28730

7329



34192

Como estávamos de licença decidimos não usar insígnias ou uniformes padrões da Frota Estelar nos passando por simples civis. Havia muita agitação nas ruas, algo que eu não estava acostumado a ver. Arilene tinha me falado da situação em seu planeta, mas ver ao vivo tinha um impacto bem maior. Várias culturas pertencentes a Federação Unida dos Planetas passaram em algum momento por agitações desta natureza política, mas a Terra já tinha se livrado disso já a algum tempo.

A casa dos pais de minha futura esposa ficava em uma cidade distante dos grandes tumultos e a vida por ali transcorria normalmente como em qualquer cidadezinha na Terra. Acho que causei uma boa impressão nos pais dela, na verdade me sentia em casa pela atenção por eles dispensada. Quase todos os dias nós passeávamos pela cidade aproveitando cada minuto do tempo livre para ficarmos juntos.

O Governo Centauriano havia emitido um comunicado que poderia haver a formação de grupos de ativistas radicais que poderiam recorrer a ações armadas pelo planeta, mas isso era algo inaceitável para os Centaurianos, um povo muito pacífico e espiritual que buscava a igualdade de forma justa. Muito pouco da rotina cotidiana da cidade tinha sido modificada em função deste comunicado, considerado para muitos um exagero do Governo Central.

Estávamos arrumando nossas malas para iniciar a viagem de volta a Terra quando ouvimos algumas explosões e gritos bem próximos da casa da família Lau. Sai correndo da casa em direção a uma praça próxima quando me deparei com grupos armados de rebeldes nas ruas em ação de tomada da pequena cidade. A cidade de Fergut não tinha um efetivo de segurança muito grande. Ali viviam muitos artistas e intelectuais que tinham uma atuação política expressiva na região, certamente uma ação deste porte chamaria a atenção do Governo Central Centauriano para os ativistas radicais, que em sua maioria, viviam nas montanhas.

Voltei correndo para dentro e decidi que a segurança de Arilene e sua família era prioridade absoluta, que esta revolta não tinha nada que ver comigo, tão pouco com a Federação. Nenhum ato heróico naquele instante poderia mudar a situação tão pouco devolver as vidas de alguns Centaurianos que já haviam sido mortos na invasão da cidade.

- Entrem todos, a cidade está sendo invadida por forças rebeldes, temos que procurar abrigo.
- Não, vamos tentar impedidos, isso não pode estar acontecendo aqui!!! Eles têm que ouvir a razão!!!
- Sr. Lau, acalme-se eles agora não ouvirão nada, deixem que consigam alcançar seus objetivos e depois tentaremos uma rendição pacífica desses ativistas radicais, por enquanto vamos nos proteger dentro de casa.
- Você tem razão, vamos para um abrigo que tenho no porão da casa, lá estaremos seguros.

Já no interior do abrigo podia-se ouvir o barulho dos phaseres, que era intenso no início, mas durante o passar de alguns minutos foi cessando. Alguns passos foram ouvidos no interior da casa, como que tropas a invadiram a procura dos moradores. Sr. Lau mantinha seu abrigo devido a fortes tempestades iônicas que freqüentemente assolavam aquela região, além de comida tinha apenas um velho phaser tipo 1. Não muito para defender todos de uma invasão, mas o suficiente para tentar utilizar sua fonte de força para ativar também um velho comunicador.

Com ele conseguimos um rápido contato com o Governo Central que já havia cercado a cidade de Fergut isolando-a do restante do planeta, mas logo em seguida a comunicação foi bloqueada. Os rebeldes estavam no controle da cidade e exigiam serem atendidos em suas reivindicações. Não

400-28730

7329



34192

tínhamos como prever quanto tempo iria durar aquela situação que poderia ser resolvida em horas ou levar dias.

Decidimos que agora era hora para agir, tornar a situação mais desconfortável para os rebeldes os fazendo entrar em um acordo mais rapidamente. Remontei o velho phaser e decidi sair do abrigo para sondar de perto a situação. Tinha que aproveitar a noite e a inexperiência dos rebeldes Centaurianos, que em sua maioria eram montanhesees sem nenhum tipo de treinamento militar.

Arlene Lau mantinha um velho tricorder científico de alcance limitado em seu quarto.

- MDaniel, o Tricorder está no armário direito na terceira prateleira, mas cuidado!! Ao ser acionado este modelo emite um sinal na banda Omega, facilmente identificável, ou seja, poderão te localizar.
- Tudo bem! Terei que correr este risco. Talvez possa usar isso a meu favor.
- Não se arrisque demais! Eles podem estar assustados e atirarem em qualquer coisa.

Sai do abrigo e cheguei até o quarto, no escuro sem acender nenhuma luz consegui encontrar o Tricorder. Desci para o andar inferior e sai pela porta dos fundos da casa, caminhando com cuidado pela escuridão até uma loja que estava aberta. Ali escondido acionei o Tricorder, o qual mostrou que a cidade estava cercada por um campo de força de nível 3 que impedia qualquer tipo de transporte. Também pude perceber que a maioria da população estava dentro de um ginásio, provavelmente sendo mantida ali pelos rebeldes.

Comecei a tentar localizar onde estava o gerador do campo de força, quando percebi que diversos humanóides se aproximavam rapidamente de minha posição. Concluí que meu tempo tinha acabado e que as unidades rebeldes que estavam espalhadas pela cidade tinham identificado o sinal do Tricorder. Desliguei-o rapidamente e sai da loja esgueirando-me pelo escuro até um local mais seguro.

Ainda pude perceber que os rebeldes invadiram a loja em que me encontrava e vasculharam o local. Dá próxima vez que ligasse o Tricorder teria que ser mais rápido ainda. Continuei a me movimentar em direção ao ginásio onde se encontrava a população da cidade. Era um ginásio grande, situado próximo do centro da cidade, com alguns rebeldes armados de guarda do lado de fora. Determinei que não havia perigo imediato para a população naquele instante e que ali realmente estariam mais protegidos de uma possível ação contra os rebeldes. Voltei a me concentrar numa maneira de localizar o gerador do campo de força e desativá-lo permitindo o transporte das tropas do governo para controlar a situação.

Não restava outra opção a não ser ligar novamente o Tricorder e procurar pelo gerador. Procurei dirigir-me para uma área isolada onde teria um período maior para fazer a sondagem de toda a área. Ao acionar o Tricorder percebi que várias unidades rebeldes iniciaram um cerco em torno do local que me encontrava. Calculei que só poderia ficar mais 2 minutos com o Tricorder ligado para me permitir fugir do cerco que estava se formando.

Quando faltavam 20 segundos para desligar o aparelho, consegui determinar as coordenadas do gerador, que estava localizado no prédio da Administração Central da cidade. Desliguei o Tricorder e comecei uma fuga por entre as unidades rebeldes que se aproximavam. Um grupo conseguiu ver meu vulto e atiraram seus phaseres, mas não me atingiram, continuei a fugir e me escondi num prédio já próximo da Administração Central. Então comecei a bolar um plano de infiltração para conseguir chegar próximo ao gerador e destruí-lo.

Não tinha muitos dados e também não havia estado naquele prédio antes, teria certamente que usar muito bom senso e intuição para conseguir atingir o alvo. O Phaser estava com baixa carga, regulei para o tonteio máximo e com isso só me restaria de 5 a 6 tiros. Havia guardas em torno do prédio além de unidades móveis que passavam a toda hora pelo local. Escondido, pude perceber uma janela no pavimento superior entreaberta, mas ela ficava na ala sul onde sempre tinha um guarda de prontidão.

Este prédio da Administração Central também estava sendo usado como centro de controle operacional da invasão, ou seja, os líderes do movimento se encontravam lá dentro comandando as demais unidades ao longo da cidade. O plano que tinha em mente não era bom e existia um enorme conjunto de incógnitas e lacunas, mas algo precisava ser feito, pois a dia iria amanhecer em 2 horas.

Esperiei a troca de guarda entre frente à janela entreaberta, me aproximei furtivamente até uns dez metros do guarda, não tive outra escolha a não ser tontear-lo com o phaser. Recolhi o guarda desacordado para traz de alguns arbustos, retirei o seu comunicador e sua arma. O próximo passo foi escalar até o pavimento superior e entrar pela janela. Era uma sala de reuniões que estava vazia naquele momento. Sabia que me restavam alguns minutos até perceberem a falta do guarda na parte de fora.

Dirigindo-me pelo corredor até as escadas internas percebi um movimento continuo de rebeldes no pavimento acima, subi mais um lance de escada, quando sai para o corredor os alarmes soaram, dizendo que havia um intruso no prédio. Corri para uma sala vazia próxima a Sala do Comando Central. Os sistemas de defesa estavam ativos e foram re-configurados pelos rebeldes. Era uma questão de tempo me localizarem, então decidi agir com a premissa que o gerador se encontrava dentro daquela Sala de Comando. Invadi a sala atirando em qualquer coisa que se movesse, consegui tontear dois rebeldes, mas a sala estava cheia e o pior o gerador do campo de força não se encontrava lá. Protegi-me atrás de uma mesa de comando, mas acabei sendo dominado rapidamente pelos soldados rebeldes. Eles me lavaram a presença do Líder do movimento.

Ele se chamava Danribi e parecia ser um homem centrado e muito perspicaz.

- Você não é desta cidade e nem de Alfa Centauri. Parece ser um..... humano.... Estou correto?
- Sim, meu nome é MDaniel e estava em trânsito por esta cidade quando da ocupação por suas tropas.
- Sei..... em trânsito com um phaser antigo e um Tricorder Científico de fabricação Centauriana, Como explica isso?
- Eu invadi uma das casas abandonadas e consegui achar estes aparelhos, com a ajuda deles é que estou aqui.
- Usando de modo muito eficiente para um Civil Humano em transito por esta cidade. Por que tentou me matar?
- Eu não estava tentando te matar, somente procurava um meio de terminar com essa invasão, o phaser está ajustado para tonteio simplesmente.
- Mesmo assim invadiu este prédio com qual objetivo? É um espião da Federação? Ou do Governo Central?

400-28730

7329



34192

- Não sou espião, apenas alguém que tentou parar com essa insanidade que está acontecendo aqui. Eu meu planeta houberam, a séculos atrás, ações como esta, mas superamos isso com muito diálogo e respeito mútuo. Gostaria que vocês também chegassem a um acordo comum sem o uso de ações como esta.
- Bonito discurso, humano, de alguém que invade um prédio e entra atirando aqui!!! Onde está o diálogo que tento fala?
- Pretendia dar um fim a suas ações, só isso! O diálogo fica para vocês com seu Governo Central.

Neste instante uma forte explosão é ouvida e sentida em todo prédio, deixando tudo sem luz. Todos ficam muito nervosos, aproveitei para escapar no meio da confusão. Ao longe escutei que alguém havia destruído o Gerador do Campo de Força e em alguns segundos pude perceber o transporte de tropas do Governo Central e da Frota Estelar para dentro do prédio com o objetivo de controlar a situação. Alguns disparos foram ouvidos, mas depois tudo se acamou. Um oficial da Guarda do Governo Central me levou preso também até que me identifiquei com oficial da Frota Estelar.

Todos os rebeldes foram presos e a população libertada, mas estava curioso para saber quem tinha destruído o gerador do campo de força que envolvia a cidade. Levaram-me a presença do Capitão Albert da USS Hood que foi acionada pela Frota Estelar para dar apoio ao Governo Central Alfacentauriano.

Relatei minhas ações ao Capitão Albert que concordou com todos os procedimentos. Mas não me contive perguntei a ele quem tinha destruído o gerador de campo:

- Capitão Albert, se me permite um pergunta? Gostaria de saber quem destruiu o gerador?
- Ora Comandante, você ainda não sabe? Foi sua namorada cientista com a ajuda de seu pai. Mas não se preocupe que eles estão bem. Utilizaram um Tricorder Tático modificado para emitir um sinal de ressonância que quando foi colocado ao lado do gerador gerou uma onda interna que o destruiu. Eles tiveram alguns minutos para escapar e se encontram em observação na Enfermaria.
- Capitão, estou liberado? Gostaria de vê-los.
- Sim, mas tenho um comunicado urgente da Frota Estelar para você!!! Suas férias foram canceladas e o Almirante Hymolds solicitou seu retorno imediato a Terra.
- Nós já estávamos para voltar mesmo.
- Posso dar uma carona para vocês retornarem a Terra vou passar por perto, além disso, não é todo dia que posso levar o mais novo Capitão de uma nave estelar a bordo.
- O que disse Capitão, não entendi muito bem!!
- Parece que existe uma nave chamada USS Venture a espera de seu novo capitão, meus parabéns Capitão MDaniel bem-vindo ao time!!!!
- Não sei o que dizer, apenas muito obrigado capitão.
- Agora vá ver sua heroína e seu sogrão!!

400-28730

7329



34192

Fiquei muito surpreso com o que o Capitão tinha dito, afinal eles haviam ficado dentro do abrigo. A Arilene Lau já tinha demonstrado em outras ocasiões a experiência necessária a ações deste tipo, mas o Sr. Lau não parecia um homem de ação, ele era um artista em seu planeta, uma pessoa aparentemente calma e serena. E essa promoção inesperada era tudo que eu queria para incentivar minha carreira na Frota Estelar.

Entrando na enfermaria os dois já estavam em pé e conversavam com o médico chefe da USS Hood.

- Com licença, vocês estão bem??
- Eu não costumo deixar meus pacientes terminais andarem pela enfermaria, Comandante!!!!
- Desculpe Doutor e que eu estava preocupado.
- Vou deixá-los a sós, fiquem a vontade!!!!
- Estamos bem querido, só não agüentamos ficar naquele abrigo por muito tempo. Saímos e fomos à casa dos nossos vizinhos, os Galds, lá encontramos um Tricorder Tático e aí tudo ficou mais fácil.
- Mas de onde tirou a excelente idéia de implodir o gerador?
- Ora MDaniel, por que acha que sou cientista? Um dos meus grandes incentivadores foi meu pai que além de ser um excelente artista de sua época foi um brilhante cientista no início de sua carreira.
- A improvisação não é uma habilidade só dos humanos, Comandante. Além do gosto pela ciência também aprecio táticas de batalha as quais sempre estudei. Foi muito bom pô-las em prática!!!
- Vejo que vocês formam uma dupla explosiva, terei que reavaliar meus métodos para poder entrar nesta família. Talvez agora como Capitão de uma Nave Estelar tenha mais chance.
- O que!! Capitão!!! Eu sempre disse que isso iria acontecer querido!!
- Parabéns!!! Depois peça para seu oficial de segurança vir discutir comigo algumas táticas de batalha.
- Arilene, você nunca me falou que seu pai era tão convencido assim!!!

FIM

400-28730

7329



34192

Passado Maqui

Por Comandante Paul Emiron

A vida após os acontecimentos de Wolf 359 fez a Frota Estelar reavaliar seus conceitos, finalidades e futuro. Nada mais parecia ter sentido centenas de pessoas haviam morrido ali naquele pedaço da galáxia, um lugar onde a vida fora erradicada. Nada parecia renascer naquele setor.

A Frota Estelar perdeu muitos oficiais naquele dia. As descrições que os sobreviventes faziam do local eram desanimadoras, os milhares de pedaços das 39 poderosas naves estelares perdidas na batalha tornaram-se um marco da dor e tristeza. Todas as crenças dos povos da Federação ganharam força naquele momento, principalmente a crença do povo bajoriano, talvez os indivíduos de maior presença espiritual dentre os povos que desejam entrar para a Federação.

Desistências maciças de oficiais eram recebidas, o medo se tornou uma palavra muito presente na vida da Federação e ela parecia que acabaria, retornaríamos então num tempo de isolacionismo entre os povos, mas uma grande campanha envolvendo as diferentes áreas da Frota fez com que muitos oficiais mantivessem seus postos dentro da Federação. O mais importantes dele e estímulo maior foi o Comandante Benjamin Sisko que assumiria o posto de comando da base estelar Deep Space Nine no setor bajoriano.

O Comandante Sisko perdeu sua esposa na batalha de Wolf 359, assim como o Comandante Paul Emiron então o primeiro oficial da USS Melbourne NCC 62043.

Sua experiência como grande estudioso do povo klingon fez com que ele conseguiu-se salvar muitos dos seus oficiais da USS Melbourne, mas não impediu que a nave fosse destruída, assim como seu capitão.

Após a destruição de sua nave Paul Emiron retorna a seu planeta natal, Trill, para descansar por uma temporada sem prazo de retorno ao serviço, principalmente porque não existiam também muitas naves da frota disponíveis naquele momento.

Em Trill, Paul Emiron fica na casa de seus pais Rubia e Dancar Emiron. Seu pai é oriundo do planeta Betazed, Dancar Emiron representa a 12ª Casa de Betazed: Casa do Equilíbrio. Dancar Emiron foi um grande diplomata da Federação e já havia participado em muitas missões da Federação de caráter político, econômico, social e cultural. Sua mãe, Rubia Emiron, de origem Trill era uma grande conselheira da Frota Estelar e devido a batalha de Wolf 359 fez ela retornada a ativa para auxiliar na recuperação dos oficiais e suas famílias.

O Comandante Emiron era um dos oficiais cotados naquele momento para assumir o posto de capitão nas novas naves da classe Sovereign, mas ele parecia muito distante delas. A perda de sua esposa o deixou muito transtornado, existia um grande elo de ligação entre os dois, principalmente porque Paul Emiron tinha herdado de seu pai o dom empático comum nos Betazed. Seus pais tentaram confortá-lo e levantar a sua auto-estima, atitude muito semelhante foram adotadas por seus amigos em Trill principalmente John Hox um colega de infância de Paul Emiron e um brilhante engenheiro da frota, o único de seus colegas que conseguiu se tornar um Trill.

400-28730

7329



34192

John Hox levava Paul a toda parte encontrando amigos nos bares da cidade, onde apesar da amargura de Paul ele não dispensava uma partida de sinuca trill contra John. O jogo de John havia melhorado muito deste o último encontro dos dois amigos, mas Paul dizia que era o hospedeiro Hox que jogava por John.

Na casa de Paul sua mãe Rubia Emiron, o chamava para ajudá-la na cozinha, pois ela sabia o quanto Paul gostava de cozinha e fazer grandes bebidas alcoólicas.

Um dia ele resolveu ir até um dos planetas desabitados do sistema estelar Trill para fazer algumas análises geológicas da área, influenciado por seu pai Dancar que não queria ver o filho tão deprimido. A geografia era uma das especialidades de Paul, ele iniciou seus estudos na área ainda em Trill e mais tarde na Frota tornou-se arqueólogo.

Assim, Paul Emiron convida seu amigo John Hox para ajudá-lo na sua pesquisa ao planeta, Hox aceita sem pestanejar e os dois partem nesta pequena viagem de exploração.

Nos hangares do planeta Trill administrados pela Frota Estelar, Paul Emiron e John Hox conseguem uma nave de pequeno porte, mas ela possuía uma boa estrutura para pequenas explorações com alojamentos internos e um pequeno laboratório. Após todo o protocolo administrativo para conseguirem a nave eles partem rumo ao planeta.

O planeta era o último dos doze que compõem o sistema estelar de Trill e sem muitos atrativos, lá funcionavam apenas alguns locais de extração mineral, mas muitas surpresas estavam para surgir.

Na chegada ao planeta os dois amigos se alojam próximo a uma das áreas de extração mineral abandonadas. O hospedeiro Hox já tinha aproximadamente mil anos e nunca nenhum de seus hospedeiros tinha passado por ali. Devido a sua posição geográfica, este planeta apresentava pouca iluminação solar, somente 3 horas de luz, porém devido a grande do sol, isto também favorecia o clima frio do planeta.

No primeiro dia Paul Emiron fez uma intensa análise tentando descobrir a idade do solo que eles pisavam John Hox ajudava seu amigo nos cálculos. Paul mergulhou definitivamente no trabalho não deixando espaço para a tristeza.

Ao final do dia os dois amigos se recolheram para a nave para um jantar e depois uma noite de sonho. John Hox durante o jantar tentava animar Paul que em alguns momentos lembrava de sua esposa morta, mas algumas das garrafas de vinho Trill que Hox havia levado providencialmente fizeram Paul relaxar e adormecer. Durante a madrugada pesadelos assombravam a mente do viúvo e um deles fez Paul Emiron acordar.

Ele levantou-se e foi até o replicador de alimentos e pediu um copo de água. Durante a ingestão do líquido ele percebeu uma movimentação fora da nave. Rapidamente ele pegou uma dos feisers, acordou Hox e o avisou do acontecimento, os dois ficaram em silêncio dentro da nave. Lá fora parecia que existia um grupo de pessoas que tentavam recolher algo numa das minas abandonadas. Foi neste momento que os dois oficiais da Frota saíram de sua nave para averiguar o que seria aquilo. Mas tardiamente perceberam que se tornaram prisioneiros de um grupo denominados Maquis.

Os Maquis eram membros da Frota Estelar que colonizaram o setor e devido a um acordo com a Federação e o Império Cardassiano fez com que todos estes colonos se retirassem das terras que agora, pertenciam aos cardassianos, porém naquele momento os maquis ainda não eram conhecidos como suas ações no futuro mostrariam.

400-28730

7329



34192

Paul Emiron perguntou aos Maquis por que eles estavam ali próximos do Planeta Tril e quais eram suas intenções.

Um dos maquis dá um soco em Paul que cai atordoado. Aquele que parecia ser o líder maqui da operação então comenta seus planos. Diz que eles estão ali para coletar alguns minérios para utilizarem nas suas ações de combate. Ele acusava a Federação de os terem deixado a margem da situação e nunca terem ouvido qualquer um dos colonos das regiões maquis.

John Hox também tentavam argumentar com os Maquis, mas nada parecia adiantar. A cada tentativa de diálogo um soco era o presente recebido pelos dos membros da Frota Estelar.

O grupo maqui ainda ficou com os dois amigos mais um dia até que eles terminassem seu trabalho de recolhimento dos minérios.

A agitação do momento fez Paul Emiron pensar sobre tudo aquilo que se passava com os Maquis. Ele lembra que, em seus últimos meses na nave USS Melbourne, já tinha recebido alguns informes das ações maquis. Tudo tinha sentido, era uma causa digna para se lutar. Foram-lhes tomado um dos princípios básicos dos seres humanos: o direto ao lar, uma causa que somente a força seria a solução. E Paul Emiron se afeiçãoou a esta causa. Ele ao final daquela tarde decidiu se juntar aos Maquis.

Aquilo foi uma surpresa para John Hox seu melhor amigo deixando a Frota Estelar, desistir da sua promoção para capitão que era inevitável naquele momento diante do horror de Wolf 359. John tentou advertir seu amigo de todas as formas possíveis, mas ele já estava decidido.

John Hox sabia dentro de si que ele gostaria muito que seu amigo continuasse com sua carreira na Frota, mas o simbiote, com muito mais experiência sabia que a solução correta seria Paul Emiron partir com os Maquis e então ele viu seu amigo deixar o sistema Trill para trás onde muitas aventuras o aguardavam.

Nas regiões maquis, Paul a princípio, era visto como um espião da Federação, porém sua habilidade fez com que ele se tornasse um dos importantes membros maquis ajudando tanto nas batalhas contra os cardassianos e a Federação, quanto no plantio dos alimentos para o sustento do grupo.

Seu nome tornou-se muito respeitado na comunidade Maqui e parecia que sua vida havia encontrado um novo rumo mesmo muito diferente daquele imaginado até por ele. Um futuro fora da Frota Estelar.

FIM

400-28730

7329



34192

Voyager

Por Tenente RNunes

Dois meses antes do incidente que levou a USS Voyager ser jogada no quadrante Delta...

Toda tripulação estava eufórica, pois a maioria era novata e se adaptando a nova nave. Estavam todos empenhados com essa nova missão.

A USS Voyager estava em direção ao setor 19658 próximo um aglomerado que fica na fronteira do quadrante Alfa, fora do espaço da federação, onde uma nave de pesquisa desapareceu misteriosamente...

Estava a dias estudando algumas teorias a respeito da propulsão de dobra tentando achar um meio de fazer com que os motores de dobra da Voyager consigam atingir a velocidade de Transdobra, e estou inserindo todos os dados no computador, quando da fronteira...

Em frente ao painel de controle do computador observo uma flutuação de energia nos contênses de plasma de dobra, pego o tricorder e me aproximo do reator iniciando uma varredura tipo 3.

- Cap. Janeway - Sr. RNunes estamos notando uma flutuação de energia.
- Sim capitã, já detectei e estou realizando uma varredura tipo 3, para descobrir o que pode estar provocando estas flutuações.
- Cap. Janeway – Sr. Stadi potência máxima nos sensores de longo alcance não sabemos o que vamos achar pela frente.
- Sim capitã.

Na engenharia...

- Alferes Albert verifique os depósitos de atrás dos painéis daquele lado, daquele e daquele, e coloque um sensor portátil em cada um e conecte-o com o computador para nos informar qualquer alteração estou com um pressentimento, que essa flutuação está sendo provocado por alguma coisa fora da nave.
- Sim sr.

Após ter colocado o sensor e com o tricorder na mão diz;

- Sr. RNunes Estou detectando diferentes alterações no tricorder mas elas estão tendo leituras diferentes em vários locais da engenharia mas somente em um é mais concentrado.

Sentado no painel do computador e tocando no comunicador...

- Engenharia para ponte... aqui é o Eng. Nunes

400-28730

7329



34192

- Cap. Janeway, prossiga Sr. Nunes...
- Capitã descobri o motivo das flutuações, elas estão ocorrendo por uma fonte fora da nave e de forma direta algo esta rastreando nosso reator e a energia se concentra em um espaço de apenas 1 metro, como se fosse um feixe de varredura.
- Sr. Stadi consegue identificar de onde se origina esta fonte de energia?
- Capitã, ela se estende por além de nossos sensores de longo alcance.
- Alferes Kim rastreie esse feixe de energia e trace um curso onde possamos segui-lo.
- Capitã, direção 342. marco 64.
- Alferes Beth, traçar curso dobra 2, acionar.

63 minutos após...

- Capitã detecto uma estrela de classe F nos sensores de longo alcance, um momento capitã... após sondagens é um sistema solar com 6 planetas e não constam nos mapas.
- A que distância sr. Stadi?
- A 16 minutos capitã.
- Alferes Beth quando entrarmos no sistema sair de dobra.

Instantes depois entrar no sistema solar a Voyager sai de dobra.

- Capitã o feixe de energia está se originando no 4 planeta deste sistema.
- Capitã devemos levantar escudos... – diz o Comandante Cavit
- Ainda não Comandante Cavit, Sr. Nunes é possível usar os escudos? Talvez precisaremos deles.
- Capitã já criei as rotinas e variações dos escudos para conter a varredura e estou pronto para acioná-la.
- Muito bem Sr. Nunes, fique no aguardo.

Saindo para os seus aposentos...

- Alferes beth coloque-nos em uma órbita estacionária junto ao 4 planeta.
- Sim capitã.

Logo depois...

- A Voyager está em órbita capitã!
- A caminho Alferes Beth.

400-28730

7329



34192

Entrando na ponte de comando...

- Informe Alferes Kim.
- Capitã a muita interferência na atmosfera do planeta não consigo detectar o que pode estar originando a energia.
- Comandante Cavit, crie um grupo avançado e desça ao planeta para verificações, quero tudo registrado, detalhe por detalhe.

Comandante Cavit saindo da ponte diz:

- Tenente Stadi solicite mais 4 guardas armados conosco, Alferes Kim venha...

tocando no comunicador.

- Sr. RNunes precisaremos de você no grupo avançado para nos auxiliar.
- Sim sr, a caminho da sala de transporte, Albert assumo a engenharia.

Na sala de transporte todos reunidos com seus trajes espaciais.

- Comandante para a ponte, Estamos para nos transportar capitã!

Neste momento todos se desintegram pelo tele-transporte.

- Aqui é a Capitã, ao menor sinal de perigo quero todos de volta para nave, alferes Martim trave nos comunicadores deles... acionar os escudos.

Todos aparecem em um local cheio de rochas e empunham seu phasers. Sr. Nunes e o Alferes kim acionam seus tricorders e apontam para todos lados buscando leituras do local.

- Comandante, detecto uma estrutura a 1.2 Km de distância a direita de nossa posição.
- Vamos ver do que se trata.

Chegando no local de uma estrutura construída em um ponto rochoso mais alto, estavam todos um pouco cansados devido o caminho ser de difícil acesso.

- Alferes Kim?
- Sr. o feixe de energia está muito alto creio que é de dentro dessa estrutura que se origina.
- Sr. vamos nos aproximarmos e procurar uma entrada – diz o Tenente Stadi.

Vários minutos de procura.

Um dos guardas chama o sr. Stadi.

- Sr. acho que encontrei algo.

Stadi aproxima seu tricorder e analisa e diz;

- Sim é uma porta e está vedada, Sr. RNunes consegue abri-la?

400-28730

7329



34192

Pegando uma ferramenta laser insere em um pequeno orifício e consegue abrir a porta, todos empunhando seus phasers entram bem devagar, estando já dentro do local a porta automaticamente se fecha atrás deles.

- Eng. RNunes – De acordo com meu tricorder existe uma sala de controle central a uns 60 metros.
- Vamos até lá para descobrir do que se trata.

Após alguns minutos de caminhada dentro da estrutura.

Segurando seu tricorder Kin diz:

- Fica atrás dessa porta senhores.

Mais uma vez RNunes pega sua ferramenta e abre a porta, todos espantados com os painéis de controle e sua tecnologia.

RNunes se aproxima de um painel e começa a operá-lo, até que relata.

- Senhores essa tecnologia estão muito além das quais conhecemos e parece que esse feixe de energia é um tipo de sensor espião, que está rastreando todos os quadrantes da galáxia.
- Comandante Cavit – Consegue acessar seus banco de dados?
- Mais alguns instantes.....Sr. achei o que me parece informações de várias espécies, contendo informações bélicas localização na galáxia... Sr. inclusive informações da Federação.
- Está parecendo informações para uma invasão.
- Exatamente Alferes Kim, mas quem pode estar por trás de tanta tecnologia e interesse desses?

Um dos guardas se aproxima de um corredor e chama o Sr. Stadi.

- Sr. venha ver o que achei!

Chegando no local.

- Stadi, para a Voyager!!!!
- Cap. Janeway, Prossiga!
- Encontramos toda a tripulação da nave de pesquisa desaparecida e inclusive algumas outras espécies estão em uma espécie criogenia.
- É possível transportá-los?
- Pela análise do tricorder: sim, desde que instalemos os ampliadores de transporte.
- Então faça o imediatamente.

400-28730

7329



34192

De repente um sinal soa em um dos painéis.

- Comandante Cavit – Está parecendo que nos descobriram! Sr. Stadi acho que logo sua pergunta terá resposta, vamos gravar o máximo de informação em nossos tricorders e sair daqui.

Um dos guardas grita aciona seu phaser em direção a um corredor e é atingido por algo que o desintegra.

Logo a sala vira um campo de batalha onde todos estão enfrentando algo que eles não vêem e acionando seu phasers. RNunes ainda em frente ao painel de controle tenta gravar as informações nos tricorders, mas um deles é atingido por um tiro de laser, destruindo-o.

Na nave...

- Alferes de Operações – Capitã uma gigantesca nave está saindo de trás da lua não existe identificação de tal nave em nossos bancos de dados...
- Cap. Janeway – Contacte-a.
- Sem resposta.

TREMOR por todos os lados fogo na ponte de comando.

- Capitã fomos atingidos em 100% por um feixe de energia, mesmo com os escudos levantados!

TREMOR.... TREMOR.... toda a nave é sacudida.

Na engenharia ocorre vazamentos de alguns dutos mas sem muito problema.

- Engenharia para ponte! Alferes Albert aqui, estamos rastreando em todas as bandas nossos escudos e os disparos ainda conseguem penetrá-los.

Inicia um princípio de incêndio, um alferes pega um extintor para apagar.

- Alferes Beth manobras evasivas Delta T, Alferes fogo total de retorno!!!

DISPAROS.... DISPAROS.....

- Cap. Janeway para Sr. Martim quero todo o grupo avançado de volta para nave imediatamente.

TREMOR... TREMOR... TREMOR

- Alferes de Operações – Destruição das Seções 21, 22, 45, 67, 68 do deck 5, acionado campos de força!!!

No planeta...

Todos os membros do grupo avançado começam a se desintegrar pelo tele-transporte.

- Cap. Janeway para Sr. Martim todos a bordo?

400-28730

7329



34192

- Sim capitã!
- Torpedos fotônicos fogo!!! Disparos disparos disparos.

No meio da fumaça e destroços da ponte...

- Capitã não houve nenhum dano na outra nave, pois seus escudos absorveram todos nossos disparos!!!
- Alferes Beth tire-nos daqui, dobra 9 acionar!!!

Nesse momento a gigantesca nave se aproxima do planeta e com um disparo de um outro tipo de arma o destrói.

- Alferes de Operações – Senhora a nave destruiu o planeta e se dirige em direção ao quadrante gamma!
- O que?
- Sim capitã a nave destruiu o planeta!

Várias horas depois, a nave se encontrava bem distante do local, e já estava em reparos e todos os tripulantes feridos medicados pelo médico de bordo. A capitã na sala de reunião com o grupo avançado conversa depois de ler todos os relatórios e os pouco dados gravados pelo sr. Nunes.

- Senhores que espécie é essa, com tanta tecnologia?
- Comandante Cavit – Não sabemos capitã a espécie estava camuflada e absorvia nossos disparos...

Depois de 2 longas horas de discussão enquanto a USS Voyager se dirigia para a Estação Espacial Deep Space Nine para se refazer dos estragos...e iniciar a procura pela nave Maqui onde se encontrava disfarçado o Sr. Tuvok.

- Enviaremos todos os dados coletados para a federação e devemos ficar atentos quanto ao que nos atingiu e me parece que toda a federação deve entrar em alerta, dispensados.

Todos se levantam a caminho de seus postos, e a capitã olhando pela janela em direção ao espaço infinito conversa em seus pensamentos.

“Seja lá quem for devemos tomar cuidado...”

A imagem do rosto da capitã vai se distanciando em uma visão fora da Voyager vemos a querida nave desaparecendo no espaço em direção a seu futuro.

FIM

Negociando com o Inimigo

Por Dr. Edward summers

Parte – I

Summers se sentou num bar próximo, na Academia da Frota Estelar, e ficou esperando um amigo seu. O nome dele era Simon Etles. Eles tinham combinado de se encontrar depois de muito tempo.

Uma atendente se aproximou de Summers.

- O que vai querer? – perguntou ela.
- Só um suco de maracujá, por enquanto.
- O seu pedido vem logo.
- Obrigado. – Respondeu Summers.

Uma amiga da Academia viu Summers sentado ali e aproveitou para falar com ele.

- Fazendo o que Summers?
- Esperando um amigo...
- Faz muito tempo?
- Ele deveria ter chegado... mas ele sempre foi assim... meio atrasado com as coisas.
- Por que? – Perguntou ela.
- Bom... acho que deve ser pelo o seu estilo de vida que ele teve... Sabe... – E começou a contar uma das histórias de Etles.

(...)

Acabara de começar o seu primeiro trabalho. Seria office-boy da empresa Metal e Cia. Essa empresa exportava os vários tipos de metais encontrados nas minas da Cidade Paraíso. Tinha apenas 20 anos, o jovem. Não sabia o que ocorreria com ele nos próximos dias.

Ele pegou o microônibus na parada perto de sua casa. A manhã estava bem tranqüila e o nevoeiro habitual, aos poucos, baixava cada vez mais. O Domo, uma grande redoma de vidro e plástiaço mostravam uma forte chuva fora da Cidade Paraíso.

‘Ainda bem que esse troço funciona. Imagine se essa chuva caísse aqui dentro?’ – Pensou um impaciente Simon que olhava constantemente para o relógio. O ônibus, como sempre, estava atrasado.

400-28730

7329



34192

Poucos carros, naquele horário, circulavam na rua. A maioria dos operários das minas de Dilithium é que saíam as ruas para irem para as mesmas. Era um trabalho perigoso, mas a Cidade Paraíso não dava suporte total para empregos dentro da sua proteção. Muitos eram obrigados a trabalhar fora do Domo.

O Planeta Marquis II, onde ficava Cidade Paraíso, era praticamente deserto. As poucas reservas de água naquele planeta ficavam no subterrâneo do mesmo e a exploração era muito cara, até mesmo com a tecnologia atual. Muitas vezes os Paradisiacos só tomavam banho a cada 2 a 3 dias e muitos racionamentos ocorriam em várias partes da cidade.

Até hoje só se sabe que a Terra colonizou aquele planeta por causa das minas de dilithium. Muitos dizem que foi estupidez dos antigos de terem se separado da Terra para se tornarem independentes. Mas independentes do que? Se foi necessário comprar muitos materiais e equipamentos, muitas vezes ultrapassados, entre as varias civilizações do Quadrante Alpha? E sem dizer que, sem o apoio da Terra e da Futura Federação, ficaria difícil conseguir proteção ou negociar qualquer coisa com outros planetas.

Cidade Paraíso era uma párea tecnológica, social e política do Quadrante Alpha. As poucas civilizações que entraram em contato com o planeta, desde sua separação, foram os Cardassianos, Romulanos, Klingons e, por ultimo, Ferengis. Esses últimos eram os piores em todas as maneiras possíveis. Foi necessário aprender todas as regras de aquisição para que pudesse enganá-los bem. E foi isso que David Etles, um dos primeiros paradisiacos, em 2360, que aprendeu as regras de aquisição e construir um pequeno império financeiro.

Muitos outros paradisiacos ficaram com inveja da nova ascensão dos Etles. Eles sabiam que quando um Etles ficava poderoso e influente muita coisa boa não viria. Cidade Paraíso não poderia, de forma alguma, ficar aparente no Quadrante Alpha.

Simon fora chamado para office-boy para esta empresa por causa do seu pai. David Etles, um dos grandes negociadores de minérios da Cidade Paraíso. Foi o seu pai, que conseguiu vender para os Ferengis, 3 toneladas de minério de Benzita Iriniana, e como todos sabem esse minério, que era usado para revestir interiormente várias naves de pequeno porte Ferengi, não agüentava muita coisa. Para falar a verdade bastava um tiro em tonteio de um Phaser para a coisa se derreter. Pois bem, ele conseguiu vender e quando isso foi descoberto, os Ferengis nada puderam fazer, pois como muitos falam: "Negócio é negócio".

Com toda essa influência, foi fácil conseguir um pequeno emprego para o seu filho. Enfim o ônibus chegou a Metal e Cia. Algumas pessoas já entravam no prédio. No Lobby do prédio havia um grande relógio de ponteiros dourados que mostravam que era 7:30 da manhã. Simon olhava para o redor do prédio. Era enorme! Contou-se direito era um prédio com pelo menos 45 andares. No outro lado da Avenida, havia vários outros prédios. Todos de grandes empresas que pertenciam a Cidade Paraíso e trabalhavam, e muito, com negócios extra-planetares. O prédio mais importante, no entanto, era onde estava a Metal e Cia. Mas lá não funcionava apenas essa empresa, havia muitas outras entre elas, um sindicato dos Exportadores Legais da Cidade Paraíso, conhecida como M.C. Mal entrando no prédio lhe pediram o crachá.

- Depressa garoto... Não temos o dia todo. – Falou um guarda que parecia mais um guarda-roupa ambulante. Usava um quepe e um símbolo da empresa da área de Segurança. Ele olhava para Etles com uma certa impaciência. – Vamos logo garoto...

O jovem tentou a todo custo procurar o maldito crachá. Mas como? Parecia que ele havia deixado em casa.

400-28730

7329



34192

- Estou procurando... estou procurando. – Disse um desesperado Etles.
- Se você não trabalha aqui serei obrigado a removê-lo daqui. – Disse o guarda.
- Calma... calma... estou quase achando. – Falou um quase choroso Simon.

De repente alguém tocara o ombro de Simon.

- Você perdeu isso? – Disse uma jovem. Ela estava segurando o crachá de Simon.
- Foi... onde você achou?
- Estava debaixo de você... vi que estava procurando algo e também vi que tinha um papel caído do seu bolso. – A jovem olhou para o crachá e, rapidamente, deu para Etles. Saindo rapidamente dali. Ela, de repente, ficara um tanto quanto inquieta.
- Obrigado... seu nome é? – Perguntou um agradecido Etles.
- De nada... de nada... – saindo e pegando o elevador.

Etles, enfim, dera o crachá para o guarda.

- Ahhhh... Você é o novato... - o guarda olhou para cara do Simon. – Filho do senhor Etles. Só não vá pensar que por ser filho de um figurão o pessoal daqui vai tratar você diferente. Vamos logo, pega aquele elevador e vá para o subsolo 3. Você já está atrasado. – Deu um grande tapa nas costas de Simon.

Não deu outra. O seu corpo ainda era franzino. Com o tapa quase que Simon beijava o chão. Ele estava levando algumas coisas, tipo caderno de anotações e algumas pastas. Tudo caiu ao chão. Ele se abaixou para pegar as suas coisas. Uma jovem, que deveria Ter pelo menos uns 24 anos, viu a cena com o pobre rapaz e foi ajudá-lo.

- Deixe-me ajudá-lo. – se abaixando para ajudar Simon.

Depois de alguns segundos todas as coisas já estavam nos braços de Simon.

- Olá. Sou Ettiene Director. – estendeu a mão para Simon querendo cumprimentá-lo. Era uma jovem ruiva com olhos azuis como as paredes do prédio.
- Oi. Eu sou... - estendendo a mão, pondo tudo ao chão novamente. – Que droga. – se abaixou para pegar as suas coisas novamente.

A moça deu um pequeno sorriso e se abaixou para ajudar o rapaz novamente.

- Desculpe... Estou um tanto desorientado com o trabalho. Sabe... é meu primeiro dia. – falou Simon
- Primeiro dia... Eu sei... é sempre emocionante o primeiro dia.

Os dois conseguem arrumar as coisas novamente. Colocando tudo nos braços de Simon.

- Você trabalha aonde? – perguntou Ettiene.
- Sou Office-Boy. Desculpe-me é que eu estou atrasado. – querendo explicar a sua pressa.

- Não tem problema. Acho melhor você ir...

Simon já estava quase dentro do elevador.

- Você ainda não me disse o seu nome. – falou Ettiene.
- Simon Etl... - o elevador se fechou.

“Carinha simpático...” Ettiene pegou o outro elevador, subindo para o vigésimo terceiro andar.

Enfim ele chegara ao seu trabalho. Ali ficava a central de cartas de todo o prédio. Era um enorme galpão. Havia várias fileiras com caixas e mais caixas. Várias pessoas carregavam cartas na mão e várias outras carregavam malas, maletas e malotes. Havia também cerca de 7 a 8 carrinhos para levantar peso. Parecia um grande formigueiro. Vinha várias ordens de todos os lados. De vez por vez piscavam algumas luzes informando que estavam chegando mais cartas. Havia também uma luz de cor azulada que, como foi explicado a ele mais tarde, só piscava quando vinha alguma carta importante do Alto Comando da Empresa.

Veio um cara em direção de Simon.

- Você deve ser Simon. – falou bastante alto. – Sou Elizandro Barata. Chefo esse setor. Venha comigo. – O homem aparentava ter seus já 50 anos. Os cabelos grisalhos não escondiam a sua idade um pouco avançada.

Elizandro começou a explicar todo o procedimento do local. Como funcionam as coisas. Os esquemas. Os sinais de mão que havia entre os funcionários e a perigosa luz azul.

- Os três últimos office-boys que foram chamados para entregarem as cartas da luz azul nunca mais foram vistos. Se eu fosse você se esconderia na hora ouviu bem. E se por acaso você for chamado, faça um favor a si mesmo e nunca, e quando digo nunca é nunca mesmo, nunca perca essa carta. Se você perder é isso. – passando um dedo na garganta e fazendo aquele som característico que todos conhecem. – Entendeu?
- Mais ou menos Sr. Barata.
- Ótimo. Então você está pronto. Vai nessa garoto. – empurrou Simon para o meio do formigueiro humano.

Simon trabalhou incessantemente durante 4 horas. Quase não conseguia ouvir as ordens dos outros. Somente pegava o pacote ou a carta ou a mala e colocava no lugar aonde os dedos apontavam.

“Pelo o amor de Deus que lugar mais louco.”

Então uma sineta fez um barulho mais alto que as vozes das pessoas.

- Hora do almoço pessoal. – Falou Barata.

Todos começaram a se dirigir ao refeitório. Eram 4 elevadores que cabiam cerca de 10 pessoas em cada um. E parecia haver pelo menos só no setor de entregas 400 pessoas. Simon entrou na primeira leva. O pobre rapaz ficou prensado contra a parede beijando-a. E, em cada andar, mais pessoas entravam no dito cujo elevador. Simon já estava o mais comprimido possível na parede do elevador.

Chegando ao refeitório todos saíram. O ultimo foi Simon. Estava praticamente esmagado contra a parede e parecia mais um verme esmagado do que um ser humano.

“Meu pai ainda vai ver só uma coisa.”

Chegando no refeitório já havia uma fila para o almoço. A comida era colocada nos pratos tipos americanos, aonde a comida é colocada em cada parte do prato. Ele esperou cerca de 5 minutos para conseguir o seu almoço. Não havia muitas opções a disposição. Tinha um belo sintetizado de arroz, feijão e macarrão. Caldo de alguma coisa que não podia ser descrita com palavras. Alguns tipos de carne da fauna da Cidade Paraíso nos subterrâneos e alguns tipos de sucos feitos das frutas encontradas nas matas subterrâneas. E tudo parecia requentado. Quando conseguiu o dito cujo Simon, que estava azul de fome, começou a procurar algum lugar para se sentar. Quase todas as mesas estavam cheias. Foi então que uma pessoa chamou a ele.

- Simon... Aqui.

Ele olhou para trás e para sua surpresa era a moça que o ajudara a pegar as suas coisas pela manhã.

- Depressa... antes que venha alguém. – Disse Ettiene

Simon foi o mais rápido que suas pernas e habilidades acrobáticas para segurar o prato e não deixar a comida cair ao chão. Ele avistara a uma mesa de distância um outro rapaz que vira o assento vazio. Este começou uma disparada rumo ao lugar. Vendo isto Simon tentou correr ainda mais. Ettiene viu que vinha um outro rapaz em sua direção, jogou um pouco do caldo do almoço no chão atrás dela e o que se podia ver era apenas um prato de comida voando.

- OH!! Nããããããooooo!!!

O outro rapaz caiu de bunda no chão e a comida se esparramando por todo o piso. Várias pessoas, juntamente com Ettiene, riram do pobre rapaz. A cena era digna das antigas comédias terráneas que ainda passavam nos cinemas da Cidade Paraíso. O conteúdo de entretenimento na Cidade Paraíso não era, por demais, muito extenso. Muitas vezes eram obrigados a comprar esse tipo de coisa de outras raças.

Com esse contratempo Simon conseguiu o seu lugar ao sol.

- Seja bem-vindo ao campo de batalha. – Disse Ettiene dando um belo sorriso para Simon.

Simon colocou o prato em cima da mesa.

- Campo de batalha?!?! Ehehehehehe. Boa denominação. – Falou Simon e bebendo um pouco de suco.

Os dois ficaram alguns segundos sem conversar. Ela apenas observava o rapaz que ainda estava um pouco cansado da corrida. Ettiene, também, ainda se recuperava da boa risada que dera com a queda do rapaz. Enquanto isso os faxineiros chegavam ao local.

- Como está indo o seu primeiro dia? – perguntou Ettiene

- Além de ser esmagado contra a parede de um elevador, não saber aonde estou indo lá embaixo e Ter um chefe com o sobrenome barata, resto está indo bem. – respondeu Etles.

- Se isso que você acabou definir é 'indo bem' para mim está ótimo. – Falou uma sorridente Ettiene.
- E você? Trabalha em que? – Perguntou Simon.
- Trabalho no sistema computacional. É lá onde todos os dados dos funcionários estão guardados. Contas, senhas, dossiês. Tudo.
- Deve ser interessante trabalhar lá.
- É, às vezes. O bom é que você pode conhecer todo mundo por lá. O ruim é que o pessoal que trabalha lá fica com má reputação.
- Por que?
- É que a maior parte das demissões são por causa de fraudes dos funcionários. E nós é que temos o trabalho de procurar fazer a ficha completa da pessoa. E temos que para a junta Diretora da Empresa.
- Deve ser horrível isso.
- E como...

Ficou um silencio gostoso entre os dois.

Simon ia comendo uma pequena fruta. Mas não o fez, pois foi interrompido por Ettiene.

- Tá ficando doido? – Disse ela.
- Por que?
- Essa fruta você não pode comer depois de tomar o suco de Maracaxi. Dá uma alergia dos diabos.
- É mesmo? – Falou meio incrédulo. Pois ele havia pagado 3,50 Creds e não queria deixar escapar nada.
- Tá duvidando?
- eh... bem...

Ettiene levantou um pouco de sua blusa e mostrou o seu abdômen, apesar da grande vermelhidão que estava em todo o lugar, parecia que ela malhava e muito.

- Olha só isso... – mostrando a sua barriga.
- Bem... parece está bem durinha... – Disse Ettiene dissimulando.
- Não seu bobo... esse vermelho foi de eu tanto coçar a barriga. Passei três dias me coçando direto. Mas se quiser comer... pode comer.

Simon jogou a fruta para o outro lado caindo na boca de um outro empregado que havia tomado suco de Maracaxi. Os dois olharam aquilo e, em seguida, se entreolharam saindo rapidamente do local. No caminho de volta eles continuaram a conversar e até trocaram os números de contato.

400-28730

7329



34192

Mais 4 horas de trabalho escravo.

Agora estava em casa. O seu pai estava lendo o jornal e tomando um café.

- Como foi o primeiro dia filho?
- Pai nem quero te contar... pode ser amanha???? Estou pregado.
- Está bem filho. – mostrou uma cara de satisfeito para o seu filho.

Simon foi para o seu quarto e caiu feito uma pedra em cima da cama.

Os próximos quinze dias foram praticamente iguais ao primeiro. Trabalho, almoço, conversando com Ettiene, volta ao trabalho, casa.

Até que um dia o seu pai veio falar com ele. Bateu na porta do quarto. Simon deixou o seu pai entrar.

- E aí filhão? Como vão as coisas? – Disse David batendo nas costas do filho.
- Bate forte não pai... tá doendo.
- Como assim? Eu só dei uma leve tapa em você... o que houve?
- Nada... nada... – Não estava a fim de conversar Simon.
- Diga logo rapaz... o que houve?
- Posso falar mesmo? – Perguntou Simon.
- Fala logo... – Falou David com os braços cruzados.
- Seguinte. Fui trucidado. Pisoteado. Arreventado. Chutado. Jogado. Rebolado. Arrastado. Detonado e você ainda quer que eu fique inteiro?
- Assim é a vida rapaz. Se contente com isso.
- Mas pai. Você não falou que ia ser desse jeito...
- Melhor assim. Do que trabalhar nas minas não acha? – Disse David saindo quarto de Simon.

Parte – II

Passaram-se duas semanas. Agora algo ia mudar a sua vida. Logo no começo do dia o seu pai havia saído cedo de casa. Deixou apenas um bilhete.

‘Filho sai para negócios. Talvez só volte amanhã. Beijos seu pai.’

Ele morava sozinho com o pai. A mãe abandonou os dois para se casar com um homem mais rico. Desde então os dois não tiveram mais notícia da bastarda. Tanto Simon como David não estavam nem aí para com o paradeiro da mãe de Simon e, para eles, foi bem melhor que ela tivesse

escapado mesmo. A família daquela mulher havia, uma vez, detonado os negócios de David e o humilharam em publico. David, que estava cego de amor por aquela megera, não se tocara de nada. Enfim, depois de muito tempo, o casamento estava se deteriorando e David podia ver a real face daquela mulher. Quando ela fugiu. Foi melhor para todos.

Ele mais uma vez olhava para o bilhete que o seu pai havia deixado naquela manhã. O mais estranho não era o seu pai ter saído cedo, e sim por ele ter deixado um bilhete.

Simon se preocupou no principio, mas era o costume do seu pai sair cedo às vezes. Foi para o trabalho normalmente. Trabalhou normalmente até algo inusitado acontecer. A luz azul começou a funcionar. Um barulho ensurdecador começou a pairar no ar. Todas as pessoas começaram a se esconder. Simon se escondeu por debaixo de uma pilha de cartas. Elizandro Barata pegou a carta. Procurou alguém para entregá-la para a Direção da empresa. Ninguém apareceu. Ele olhou para carta e vira um nome. Simon Etles. E havia escrito embaixo. 'Que ele entregue pessoalmente para a Direção.' Era a primeira vez que Barata vira algo parecido em 30 anos de carreira.

- Etlesss..... Etlesss... Garoto... Venha aqui ligeiro.... Agora!!!! Pessoal achem o Etles agora!!!
- Simon... – Disse um procurando ele dentro da distribuidora de cartas.

Um outro procurou na sala dos achados e perdidos e nada. Um terceiro estava no carrinho e sacudia todas as caixas de cartas esparramando-as no chão e nada dele. Barata já estava ficando preocupado. Se não encontrar aquele jovem todos poderiam ficar encrencados.

- ETLES. PARECE LOGO!!!! – Gritou um pouco desesperado.

De repente um dos empregados viu um grande saco marrom se movimentando para fora da sala.

- Lá está ele. – Gritou o empregado. Vários, em seguida, pularam em cima do saco e o rasgaram. Lá estava Simon coberto de cartas.
- Simon. Nunca tinha visto nada igual em toda a minha vida. Você foi indicado pessoalmente para entregar essa carta. É melhor você ir. – Disse Barata.
- Mas!!!! – Disse um desesperado Etles.
- Meu rapaz, peque essa carta – entregou delicadamente para Simon. – E tire essa bunda da minha frente e só volte aqui quando essa carta estiver entregue.
- Mas!!!!

E todos em coro.

- Vai logo Simon!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

Simon pegou o elevador. Em cada andar que o elevador parava, todos que viam a carta que estava em suas mãos inventavam uma desculpa para não pegar o elevador. Apenas uma pessoa entrou no elevador.

- Uma carta azul? – perguntou um jovem empresário com o seu terno negro, pasta metal prateada e óculos escuros que olhavam para frente.
- É... é... sim. – Falou Simon.

- Teve uma vez que eu vi alguém entregando uma carta azul dessas... bem... não entregando... mas entrando na sala da diretoria.
- E... o... que – Engolindo a seco. – Houve?
- Nada.
- Espere um pouco... como assim nada? – Perguntou Etles
- Simplesmente nada.

Simon respirara um pouco mais tranqüilo e abanava a cabeça com a carta.

- Mas quem sabe... – Disse o jovem empresário.
- O que?!?!?!?!?! – Ficara aflito Simon de novo.
- Nada... só te dou boa sorte. – Saindo do elevador.

O jovem Etles estava imaginando o que ia acontecer com ele naquele momento. Mil pensamentos passava em sua mente. Será que a Diretoria iria cortá-lo no meio? Será que ele seria feito isca de tubarão? Será que iriam lhe arrancar os olhos? Ou jogaria ele lá de cima.

Chegou no andar da Direção. Ele andou um pouco, meio tremulo e com dificuldade, mas andou. As pessoas que estavam nos corredores o olhavam, em primeiro momento com desprezo, mas ao verem a carta se afastavam de Etles. Uma das funcionárias chegou a desmaiar na hora.

No fim do corredor havia uma grande porta com o vidro translúcido com o nome bem em cima. DIRETORIA GERAL DA METAL E CIA. Ele entrou pela porta e estava, agora, numa grande sala. Andou mais uns passos e tinha uma outra porta com o nome, DIRETORIA PRINCIPAL, e na frente havia uma mesa com uma mulher, com cabelos curtos e negros, olhos castanhos claros e que olhava, continuamente, para os seus dedos. Estava usando o crachá e dizia que ela era a Secretária da Diretoria Principal.

- Posso ajudá-lo em algo?

Etles mostrou a carta. A mulher olhou para aquele objeto e quase não acreditara no que vira. Ficou, ainda, alguns segundos olhando para aquele objeto. O Curso de secretariado da Empresa, no primeiro dia, ensinou a todas as secretarias que a carta azul deveria ser entregue a diretoria com urgência e sem falta. Ninguém sabia do conteúdo da carta. Mas que era importante, era. De repente ela ficara sem ar e suava frio.

- Po-po-po-de entrar. – a porta logo atrás se abriu.

Era uma grande sala. Parecia maior que um campo esportivo. Era muito grande mesmo. No fundo da sala havia três homens. Um no meio e os outros dois na ponta. Um parecia ser o principal ativo da Diretoria. Etles tentara ver a face de um dos homens e apenas notara uma breve silhueta de cabelos brancos. Os outros dois não podiam ser vistos por causa da pouca luz no local.

- Entre... Entre... - falou um deles.
- Sente aqui, por favor. – falou outro.

Ele se sentou. Estava inquieto.

400-28730

7329



34192

- Desculpe-nos trazê-lo assim. Mas era o único jeito. Vamos direto ao ponto. O seu pai foi seqüestrado.
- COMO?!?!?!?! – ficou espantado Simon.
- Seu pai foi seqüestrado por alguns homens pagos pelos Ferengis que ele enganou com a Benzita. Eles querem 15 milhões de créditos.
- O que vocês irão fazer?
- Bem queremos que você vá se encontrar com eles. Leve essa mala consigo. Ela tem os 15 milhões de créditos.
- Por que eu?
- Você é filho dele... Agora vá rapaz... tempo é dinheiro.
- Mas!!!!
- Você não quer o seu pai morto né? Então é melhor você ir logo.
- Mas como eu irei? – Perguntou Etles.
- Pegue o carro da empresa. Os dados de encontro está no PocketPADD no carro.
- Alguém não poderia ir comigo não?
- É melhor que você vá sozinho. – Falou o homem com os cabelos grisalhos e voz energética e grossa. – Será melhor assim, pois não chamará atenção.
- Eles não pediram ninguém específico?
- Eles só quer... – O diretor foi interrompido pelo outro homem que se encontrava à esquerda dele. Ao se levantar podia-se ver que era careca.
- Por que essas dúvidas? Não quer salvar o seu pai?
- Sim... mas...
- Faça o que estamos dizendo... E agora vá.

Simon não tinha muita escolha. Pegou a mala com os créditos e, em seguida, desceu e pegara o carro da empresa.

Parte – III

Enquanto guiava o carro, Simon ficou curioso com a mala. Ela estava muito pesada para uma coisa que estava carregando apenas créditos. Ele não resistiu à curiosidade e abriu a mala um pouco. Não conseguira ver nada. Abriu ela por completa e lá estavam vários créditos. Mas ainda assim a mala ainda estava muito pesada. Retirou todos os créditos e balançou a mala. Havia algo solto. Parecia haver um fundo falso na mala. Pegou o fundo e puxou-o. Tinha uma bomba dentro e já estava armada para explodir em 1 hora.

“Eles querem matar a todos”.

Ele ficou perplexo. A direção queria matar o seu pai. Mas por que? Simon lembrou uma vez que o seu pai falou que tinha um material faltando sobre o desvio da carga de Benzita. Foi a Direção que deu Benzita de má qualidade para os Ferengis. A Direção deve ter pensado, ‘vamos matar aquele infeliz, o filho dele e aqueles Ferengis malditos. Todos em uma única cajadada.’

Ele chegou ao local de encontro. Simon pensou em um pequeno plano, colocou todos os créditos dentro da mala, fechou-a bem e seguiu para o local de encontro.

O local de encontro, que ficava na parte norte de Cidade Paraíso, parecia abandonado. Aquele lugar fedia. Fedia a miséria, a pobreza e abandono. A parte norte da cidade, que foi a primeira a ser construída, era agora um antro de ladrões e assassinos de várias partes do setor. Aquele lugar não era controlado por nenhuma autoridade local. Ali valia a lei do mais forte. Existiam muitas favelas prediais dando um certo ar organizado ao local.

No entanto a polícia criou um muro de 2 metros de altura e cercas elétricas. Ninguém poderia passar para aquelas bandas a não ser que apresenta-se o passe que dá direito a ir e vir para aquele local. Apesar de muitos dizerem que a Zona Norte da Cidade Paraíso era imprestável e precisava ser expurgado ali, ainda, moravam boas pessoas que não tinham as mesmas ambições e pretensões dos Grandes ricos da zona Sul.

Etles chegou a um galpão e descera do carro carregando a maleta. Em seguida batera na porta de um prédio que estava, aparentemente abandonado. A noite já pairava na Cidade Paraíso e, assim, deixava aquele lugar ainda mais pesado. As poucas pessoas que moravam naquela rua passavam rapidamente por Etles. Parecia que todos ali tinham um sistema de desconfiometro natural. Nunca ficando perto demais de problemas.

- Quem está aí? – Falou um ferengi
- Simon. Simon Etles. Vim entregar o dinheiro do resgate.
- O resgate?!? Que resgate? Ohhhh sim.. o resgate... entre.... Marudo abra a porta.
- E se ele estiver armado?
- Sim... sim... ele pode estar armado. – Disse Murark.
- Tirem os phasers e apontem para ele seus idiotas. Estamos armados para que? Marudo... abra a porta.

A porta foi aberta e Simon foi entrando.

- Fique aí. – O chefe da quadrilha ferengi apontando a arma disse. – Murark olhe se ele tem alguma arma.

Murark fez o ordenado e revistou o humano. Parecia que ele não tinha nenhuma arma escondida apesar de tudo.

- ehheeh... Nós poderíamos matá-lo agora. Mas uma das regras de aquisição sempre diz... Se a morte não...

400-28730

7329



34192

- Trazer dinheiro ao negocio não desperdice phaser. – Completou Simon. – Regra de Aquisição número 111.
- Como? Como? Humano esperto... muito esperto. Mas não vai ser assim que você vai ganhar negócios com a gente. Coloque a maleta no chão.

Simon deixou a maleta no chão.

- Murark.
- Por que tudo eu?!? – Perguntou um ferengi insatisfeito. – Marudo não faz nada. E fica com uma parta maior que a minha.
- Murarkkkkkkk... – Disse o chefe da quadrilha.
- Hunf... hunf... – Foi pegar a maleta resmungando.

O ferengi subordinado veio pegar a mala que estava à frente de Simon. Uma raça horrível na opinião de dele. Orelhas pequenas. Pouco faro para os negócios. Usam ouro como símbolo para a Frota Estelar. Mas não entendi porque Ferenginar estava se subordinando a eles. Todos diziam negócios. Negócios são importantes. Mas era mais lucrativo negociar com os Cardassianos do que com os terraqueos da Cidade Paraíso. Se bem que esse seqüestro veio bem a calhar.

- Aqui está chefe. – Pegando a maleta e entregando para o chefe.

O ferengi chefe abriu a mala. Viu somente os créditos. Todos os outros ficaram maravilhados.

- Bom agora que o dinheiro está aqui. Vamos matar os dois.

Simon foi rápido em sua reação.

- Espere um pouco aí... e a Regra de aquisição 111?
- Nesse caso a regra de aquisição não se aplica... ehehehehehehe. – Disse o Ferengi Chefe rindo.
- Será mesmo? – Falou seriamente Simon.
- O que você quer dizer humano?
- Que tal em vez de me matar, vocês receberem uma informação importante. Como por exemplo, quem foi o imbecil que lhes deram Benzita de má qualidade. Assim poderiam vingar a morte de seus companheiros pessoalmente.
- Continue. Continue.
- Por um preço.
- HUMMMMM. Vamos falar de negócios???? Interessante... Você parece ser mais inteligente que aparenta.
- Quero que liberte esse homem e eu lhes darei o endereço da onde os vermes estão.

Os ferengis começaram a conversar entre se durante algum tempo.

- Será que precisamos fazer isso? – Disse Murark
- Nós já temos o dinheiro... Sark.... Mate logo esses dois... – replicou Marudo.
- Deixem-me pensar. – Disse Sark.
- Mas... mas... mas... – Queria replicar Murark mas Sark o pegou pela orelha.
- Olhe bem orelhudo. Você me dá pena e vergonha. O que papai vai dizer quando eu disser que você não tem faro para os negócios?
- Que é isso irmãozinho? Eu não ter faro? Não fui eu que disse para seqüestrar aquele humano e pedir um resgate?
- Tudo você? Tudo você... – Disse Sark – Por isso que Papai quer te colocar lá naquela loja fundo de quintal da Estação Deep Space 9.
- E o que vamos fazer então? – Perguntou Marudo.
- Seguinte. Aquele humano quer nos dar aqueles que nos venderam a Benzita... seria interessante pegá-los e tomar as minas ou o que tiver deles. É a regra de Aquisição 232: "Aqueles que te venderam algo ruim e lucrou com isso. Com certeza você também poderá lucrar roubando deles". Vamos pegá-los!
- E com o 15 milhões de créditos... – Continuou Marudo.
- Podemos comprar o Quark´s. – Completou Murark contente.

Ele recebera um tapa na cabeça dado pelo Sark.

- Você é um idiota? Aquilo já faliu a tempo... só o Quark não sabe. O Dinheiro a gente divide. É claro... a maior parte fica comigo.
- Mas... mas... – Replicaram os outros dois ferengis

Sark ameaçou puxar as orelhas dos dois. Eles se resignaram.

- O seu preço parece justo. Tome esse velho. Onde eles estão?
- Eles estão... - pensou um pouco de tempo. – eles estão no hotel Rainha Vitoria. E, acho eu, parecia que eles estavam levando uma maleta. Muito pesada e preciosa, pois um estava usando um tipo de algema no seu pulso para segurar a maleta.

O ferengi se virou para os outros.

- Fizemos um ótimo negocio. – Falou Marudo.
- Melhor que o esperado. – Continuou Sark - Vamos. – Se virou para o Simon. – Você vem com a gente até esse hotel. Nós os libertaremos lá.

Simon falou com o seu pai.

- Você está bem pai?

400-28730

7329



34192

- Estou filho... Mas o que está fazendo aqui?
- A direção que me mandou para cá.
- Aqueles malditos. Mas eles estão nesse hotel mesmo?
- Vão estar daqui a pouco.

Simon sacou um antigo aparelho de comunicação. O celular.

- Tenho que ligar para ter certeza absoluta que tudo está como planejado. – Disse Etles Discou para o numero da Empresa. - Quero falar com a Direção... Agora.
- Mas no momento não é possível.
- Diga a eles que os Ferengis estão chegando.
- Fe...fe.ffeeee... - a ligação foi transferida.
- Senhor Etles??? Que surpresa...
- Senhores quero lhes informar que os Ferengis estão indo para a Empresa para matar a todos. Eu consegui escapar, mas o meu pai não.

No prédio os três diretores estavam apreensivos.

- O que iremos fazer? – perguntou um.
- Calma... Calma...- falou outro. – Senhor Etles. Eles já estão a caminho.
- Sim... Mas tomei a medida de hospedar vocês no hotel Rainha Vitória. Acho bom os senhores saírem agora. Podem confiar em mim.
- Obrigado Senhor Etles. Muito obrigado mesmo.

A linha é desligada. Os três saíram às pressas do prédio.

O Ferengi chefe voltou.

- Vamos logo...
- Desculpe, já estamos indo. – Falou Simon - Irei guiá-los.
- Pois bem. – os ferengis foram para um velho caminhão. Colocando o pai de Etles no carro da companhia. Dois outros Paradisiacos foram com Simon e David dentro do carro. Em seguida o carro e o caminhão saíram da Zona norte da cidade e seguiram para a Zona sul onde ficava o Hotel Rainha Vitória.

Ao cruzarem a linha divisória entre a Zona Sul e a Norte alguns oficiais vieram interpelá-los.

- O que tem aí nesse caminhão? – Chegou um oficial e colocou a lanterna na cara de Simon.

400-28730

7329



34192

- Apenas material de construção que a Metal e Cia deixou de pegar para hoje. – Disse Simon. Ele sentiu uma pressão por detrás de sua cadeira. Era um dos paradisiacos apontando um phaser.
- Temos que verificar...
- Acho que não será possível... tenho a papelada toda aqui dando total isenção de vistoria da carga. – Disse Simon mostrando rapidamente um papel.
- Dê-me isso jovem. Quero ver isso de novo... – falou o oficial.

Simon dera a papelada. Era apenas rascunho que coisas que ele havia escrito no papel da empresa.

- Isso é porcaria... aqui não tem nenhuma permissão... – Ele sacou um phaser e apontou para o carro. – Saia do carro agora.
- Não temos tempo para isso. – Disse um dos paradisiacos que estavam dentro do carro com Simon e David. Pegou o phaser e atirou no guarda. Esse se evaporou instantaneamente. Em seguida entrou no carro. – Segue. VAMOS SEGUIE!!

Ao chegarem lá, por sorte, os três diretores estavam entrando no prédio. Um dos seqüestradores confirmou que eram eles. Naquela hora estava chovendo dentro do Domo. Era uma maneira eficaz de limpar as ruas usando água reciclada. Tudo naquele lugar era reciclado. Água, ar, até mesmo a própria alimentação. Caía uma chuva mesmo que artificial pesada no momento.

Todos os Ferengis saíram do caminhão, vestindo longas mantas.

- Fez um bom trabalho garoto. Vá... Esperamos fazer negocio com você em breve de novo.

O carro de Simon com o seu pai começou a se afastar do local. Deviam faltar poucos minutos ou talvez até segundos para a bomba explodir. Quando o carro dobrou a esquina. BUMMMM. Todo o térreo do prédio foi pelos ares.

Parte – IV

Todos ficaram boquiabertos com a morte dos três diretores. A maioria do pessoal pensou em ataques terroristas. Outros pensavam em vingança. Mas o que passou, passou. Com a ajuda da Ettiene, foi forjada uma carta dos três diretores pedindo que colocasse a direção da empresa para David Etles e este nomeou o seu filho como Gerente administrativo. Tudo isso em poucos dias. O presidente da empresa não desconfiara de nada ou pelo menos ele não queria que ninguém desconfiasse dele, pois ele podia saber de algo.

Estava vendo a ascensão dos Etles mais uma vez. Mas deixaria eles curtirem o poder por um pouco de tempo mais antes de uma próxima derrocada. Simon como Gerente Administrativo começou a ganhar respeito e moral. Mas por pouco tempo.

FIM

Conto de Paz na Guerra

Por Tenente Thot Sopek

“Esse conto procura esclarecer um dos momentos mais importantes de toda a guerra contra o Dominion, que por razões que fogem à lógica é mantido como um fato que nunca ocorreu.”

A guerra contra o Dominion não estava a favor da Federação e seus aliados. Contudo, duas mudanças que estavam por acontecer iriam alterar em definitivo os rumos do conflito.

Entre os Klingons, Worf apoiava a volta do imperador e reorganizava suas forças, após vários desastres militares. Em Rômulus o Senado iniciava conversações de paz com a Federação insatisfeitos de serem preteridos aos Cardasianos.

Como tenente, recentemente promovido, fui enviado para Rômulus juntamente com o tenente Selob e o embaixador vulcano Quarren. Nossa missão, escoltar o embaixador que deveria iniciar conversações para a saída dos romulanos da sua posição de neutralidade em relação a guerra com os Dominion. Esse encontro já estava sendo trabalhado pelo Auto-Conselho Vulcano com o apoio da Federação a semanas.

Era um encontro imprevisível. Os romulanos, apesar de precisarem da paz, desconfiavam da Federação e dos Klingons, inimigos de longa data. O grande consenso entre todos era de que as negociações não seriam fáceis.

Chegamos a Rômulus por intermédio de um cargueiro andoriano e já fomos encaminhados diretamente para a residência do representante romulano, o senador Ruculus.

O desconforto e o clima de desconfiança, conforme previsto, eram visíveis e durante três horas os dois representantes conversaram sem que se avançasse muito, enquanto o tenente Selob e eu aguardávamos na sala ao lado, sempre acompanhados por dois romulanos. A lógica vulcana e a arrogância romulana eram barreiras difíceis de serem quebradas; não se conseguia chegar a um consenso. Foi um primeiro dia improdutivo, assim como os quatro dias seguintes.

Na noite do sexto dia fomos surpreendidos com a chegada de oito homens armados e que nos encaminharam até a área baixa de Rômulus, em um labirinto de cavernas, onde encontramos o senador Ruculus, também seqüestrado. Por horas aguardamos, até que um nono homem chegou. Era o ex-embaixador Spock. A surpresa foi geral. Ninguém poderia imaginar que o embaixador iria intervir neste processo.

O ex-embaixador Spock tinha ficado em Rômulus para auxiliar e encorajar o pequeno movimento de unificação de Rômulus com Vulcano. Uma primeira tentativa tinha sido frustrada, mas Spock acreditada que sua presença ali iria fortificar e incentivar o movimento. Provavelmente Spock, em sua lógica vulcana, vislumbrou a possibilidade de que uma aliança com a Federação, viesse aproximar Romulanos e Vulcanos.

400-28730

7329



34192

Com tom de voz imponente o embaixador iniciou sua fala explicando tudo o que acontecia em Rômulus, sem que o senado soubesse. Esclareceu que uma grande parte do povo romulano não queria a guerra, que acreditavam que era o momento de mudar a sua política imperialista por uma maior cooperação com outros povos do quadrante alfa e que viam a aliança com a Federação a grande oportunidade de que tal fato histórico ocorresse.

Sua eloquência era admirável e foi suficiente para convencer a seus colegas senadores de que sua participação no processo de negociação da paz era imprescindível.

Sua presença, realmente mostrou-se chave no processo. Ele possuía o conhecimento da lógica vulcana, das diretrizes da Federação e o pensamento intempestivo dos romulanos. Durante nove dias um minucioso tratado foi preparado visando o apoio das forças romulanas a aliança da Federação-Klingon. Também foram elaborados pré-acordos que estabeleciam diversas alterações em antigos tratados entre os dois povos, permitindo assim, uma maior circulação de idéias e pensamentos.

Após vinte e cinco dias um acordo havia sido firmado. A rapidez foi atribuída a dois fatores chaves: a necessidade de se criar uma aliança e a incrível performance do embaixador Spock. Tanto Rômulus quanto a Federação e os klingons estavam satisfeitos.

Entendo que sua contribuição ao processo estava terminada, da mesma forma como havia entrado nas negociações, o embaixador Spock saiu, recolhendo-se para junto do movimento romulano de unificação. Foi a penúltima vez em que o vi. Futuramente eu voltaria a encontrá-lo, mas isso é outra história.

Trinta dias após esses encontros uma grande ofensiva da Federação de naves das três facções, todas capitaneadas pela USS Venture, retomou a Estação Espacial Deep Space Nine e iniciou uma reviravolta na guerra.

A participação do embaixador Spock foi vital para que os destinos da guerra fossem mudados. Contudo, por determinação do Auto Conselho vulcano e do senado romulano nada do que foi narrado ocorreu e jamais apareceu nos registros.

Eu jamais consegui compreender a atitude do Alto Conselho, não encontrei um motivo lógico para essa determinação. Espero, contudo, que algum dia a ação do embaixador spock possa ser reconhecida e que seu nome receba a devida honra. Afinal, é a coisa lógica a fazer.

FIM

400-28730

7329



34192